

A TEOPEDAGOGIA POÉTICA DO ANDARILHO DO DIÁLOGO E DA ESPERANÇA CHAMADO PAULO FREIRE

João Ferreira Santiago¹
Márcio Luiz Fernandes²

RESUMO

Este artigo pretende contribuir com a memória da vida e da obra de Paulo Freire, como o Andarilho do Diálogo e da Esperança, celebrando os cem anos de seu nascimento. Pretende mostrar como a sua Teopedagogia Poética é amorosamente libertária e como seus pensamentos, suas ideias e sua obra são atuais e essenciais para a educação e para toda a sociedade de nosso tempo. Fazer memória dos cem anos de Paulo Freire é importante, necessário e sempre insuficiente. O mestre recifense se fez aprendiz e foi aprendendo com a simplicidade e com a sabedoria dos camponeses, entre outros trabalhadores a quem ele ensinou a partir de novas metodologias a necessidade de se fazer opções coerentes, de correr riscos e de amar. Paulo Freire vive em sua obra que tem peso de enciclopédia e boniteza poética de aquarela.

Palavras-chave: Paulo Freire; educação; pedagogia; cem anos; memória.

THE POETICAL THEOPEDAGOGY OF THE WANDERER OF DIALOGUE AND HOPE CALLED PAULO FREIRE

ABSTRACT

This article intends to contribute with the memory of the life and work of Paulo Freire, as the Wanderer of Dialogue and Hope, celebrating its one-hundred-year anniversary. It intends to show how its Poetical Theopedagogy is lovingly libertarian and how its thoughts, its ideas and work, are actual and essential for the education and for all the society of our time. Making memory of the one hundred years of Paulo Freire is important, necessary, and always insufficient. The Recife-born master made himself an apprentice and learned with the simplicity and the wisdom of the farmers, among other workers for whom he taught through new methodologies the need of doing coherent options, of taking risks and of loving. Paulo Freire lives in its work that has the weight of an encyclopedia and the poetical beauty of a watercolor.

Keywords: Paulo Freire; education; pedagogy; one hundred years; memory; freedom.

Submetido em: 10/12/2024

Aceito em: 27/2/2025

Publicado em: 7/8/2025

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR. Programa de Pós-Graduação em Teologia Curitiba/PR, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-5975-4438>

² Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR. Programa de Pós-Graduação em Teologia Curitiba/PR, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-0944-1676>

INTRODUÇÃO

Vários eventos, de diversas formas e gêneros, são organizados em comemoração aos cem anos do professor Paulo Freire – o Andarilho do Diálogo e da Esperança, como o definem os professores Balduino A. Andreola e Mário Bueno Ribeiro. Paulo Freire foi, de fato, em vida, um Andarilho do Diálogo e da Esperança, da Libertação dos oprimidos, da Autonomia da educação e da Indignação contra as injustiças, as violências e a negação do Direito de Ser Mais! Entre suas obras é difícil fazer um destaque no sentido de escolher esta ou aquela. Cada uma de suas obras tem identidade própria, embora carregue o DNA da ousadia, da radicalidade revolucionária e da amorosidade de seu autor. A pedagogia de Paulo Freire é profética, porque anuncia a libertação dos oprimidos e, antes, denuncia a malvadeza de quem os oprime. A pedagogia de Paulo Freire é revolucionária porque não concebe uma educação que não provoca mudanças de mentalidade e de ação e da realidade. Afinal, nascida em tempos de violências e de repressão, nem ela e nem seu criador tiveram vida fácil. Ambos foram, em algum momento, perseguidos, presos e proibidos de ser.

Até então a educação era fincada no ensino, na pretensa transferência de conhecimento e na repetição. Paulo Freire mudou o foco para o aprendizado. Quem aprende ensina ao aprender e quem ensina aprende ao ensinar. Com sua Educação como Prática da Liberdade, em 1967, Paulo Freire criou as condições para que houvesse uma Pedagogia do Oprimido em 1974 que, embora nascida no exílio e aprender primeiro o inglês e só depois o português, transpira liberdade, libertação e brasilidade.

Em sua obra, Paulo Freire revela os laços entre a educação e a sociedade a partir de seu “mestre brasileiro”, Álvaro Vieira Pinto e suas lições de educação e seu conceito de homem (ser humano) como um ser inacabado; da genialidade do filósofo suíço Pierre Furter, com quem aprende e ensina e de cuja filosofia busca o conceito de inacabamento como causa da esperança; e, a partir dele, Paulo Freire faz a pedagogia da esperança e se faz utopia com o filósofo alemão Ernest Bloch; sua educação para a liberdade, enfim, encontra terra fértil também no conceito de relação eu-tu do filósofo vienense Martin Buber (2012).

O objetivo deste artigo não é esgotar o tema tampouco falar tudo sobre este mestre e educador brasileiro que está entre os mais importantes educadores do século 20 no mundo, mas contribuir com a memória de sua obra, somando-se a tantas outras iniciativas na celebração de sua memória. De modo especial, pretende-se mostrar quão significativa é a contribuição de Paulo Freire para a educação brasileira e latino-americana, especialmente, mas também para o universo. Mediante a linguagem poética, profética e inclusiva, se reconhece os diversos saberes com sua importância e peculiaridade. A partir desse reconhecimento pode-se afirmar que a educação freiriana é um lugar de encontro dos seres humanos para Ser Mais. “Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que em comunhão buscam ser mais” (Freire, 2006a, p 93). Deseja-se ardentemente que esta humilde e apaixonada contribuição alcance os seus objetivos e seja uma entre tantas que buscam mostrar o quão vivo está o Andarilho do Diálogo e da Esperança em sua extraordinária obra. Paulo Freire vive em sua obra que, por tudo o que já se disse, mas ainda por tudo o que falta

ser dito sobre ela, é uma enciclopédia de inventividade e de educação como ferramenta de transformação das realidades opressoras.

QUEM É PAULO FREIRE E POR QUE COMEMORAR OS CEM ANOS DE SEU NASCIMENTO?

No dia 19 de setembro de 2021 celebrou-se o aniversário de cem anos do nascimento de Paulo Reglus Neves Freire, aquele que é reconhecido como um dos mais importantes educadores do século 20 e um dos mais expressivos pensadores de nosso tempo. Autor de mais de 40 obras e que foram traduzidas para mais de 20 idiomas, Paulo Freire é um nordestino que teve uma infância pobre na cidade de Recife, onde foi alfabetizado à sombra da mangueira, no quintal da casa onde morava com os pais: ele um Oficial da polícia militar, Joaquim Temístocles Freire, e ela a bordadeira Edeltrudes Neves Freire.

Todas as homenagens possíveis serão justas e terão valor de memória documental da biografia deste mestre, Andarilho do Diálogo e da Esperança, e que deixou uma pedagogia humanista sem precedentes. Fazer uma merecida e honrosa homenagem a este recifense, cuja recifidade transborda em sua fé e em sua existência, é mantê-lo vivo. Em seu livro “À sombra desta mangueira”, publicado no ano de 1995, assim reflete o nosso Andarilho do Diálogo e da Esperança. “Antes de tornar-me um cidadão do mundo, fui e sou cidadão do Recife, a que cheguei a partir do meu quintal, no bairro de Casa Amarela”. (IPF, 2005, p. 26).

A dimensão profética da pedagogia de Paulo Freire expressa-se e se configura, primeiro, em sua audácia, mas também nas reações de seus algozes e perseguidores; segundo, quando Paulo foi convidado, em 1964, para dar explicações aos acadêmicos e depois aos militares, e mesmo sem haver culpa formal alguma, ficar preso durante 70 dias. Logo em seguida, após este ocorrido, teve de pedir asilo junto a embaixada da Bolívia, tendo início, assim, o exílio, que só terminaria no ano de 1980. A pedagogia de Paulo Freire é profética; ela tem um conteúdo teológico, portanto, na sua gênese e na sua linguagem, assim como a sua forma é poética. Sua primeira pátria é o exílio e sua identidade é constituída de ousadia, resistência e esperança. Senão, como classificar uma de suas mais contundentes frases, “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão?” É teologia? É oração? É poesia? Ou é profecia? É Paulo Freire, diria-se.

A TEOPATODICEIA E O SENTIDO DA VIDA

Ao trazer-se presente a teologia de Karl Rahner, com a terrível experiência da cruz, o teólogo Alex Villas Boas (2016) faz lembrar, por intermédio de sua teopatodiceia, que a experiência é de “abandono por parte de Deus”. A poesia, por sua vez, segundo Villas Boas (2016), inspirado na genialidade de Viktor Frankl sobre o sentido da vida, “é necessária (...) para enfrentar o inferno da desesperança”. Quanto desta teologia e desta poesia existe na pedagogia de Paulo Freire! Assim como a sua pedagogia não é sobre o oprimido e nem para ele, mas dele, Paulo Freire faz poesia e teologia também com ele.

A pedagogia do oprimido, que está presente na pedagogia da indignação e deságua como uma cachoeira de sonhos na pedagogia da esperança, coloca Paulo Freire entre os grandes pensadores contemporâneos e que, cujas ideias, já não cabem na pedagogia, nem na filosofia ou mesmo na sociologia, ou, dito de forma mais ampla, não cabem em uma única área do conhecimento. É preciso transcender as fronteiras da racionalidade e daquilo que se pode medir, como expressaria o cientista Marcelo Gleiser, ao tratar sobre a ciência, “Sabemos apenas aquilo que medimos, e não podemos medir tudo” (Gleiser, 2010, p. 182), para encontrar na teologia um lugar que mostre a transcendência das ideias deste professor recifense que quer ser lembrado simplesmente como um homem que amou.

Esse amor se expressa nas ideias, nas atitudes e na linguagem de Paulo Freire. Uma pedagogia amorosamente humana e humanamente poética. A inquietação, a vontade de sentido e a indignação são constantes proféticas que mostram os laços entre a pedagogia freiriana e a teologia, sobretudo a Teologia da Libertação. A dimensão transcendental da poesia se faz um recurso e uma linguagem capazes de comunicar aquilo que não é possível de ser dito sem poesia. Como um construtor de sonhos, Paulo Freire constrói também pontes que ligam as dimensões humanas, tantas vezes falsamente dicotomizadas.

Em Rahner, portanto, poesia e humanidade são sinônimos, uma vez que a poesia é radicalmente humana, e o ser humano potencialmente, ou ainda aprioristicamente poético, como alguém em busca de sentido ou ainda como ouvinte da Palavra. Portanto, tal Palavra de Deus não é outra coisa senão Palavra poética [Das Wort der Dichtung] que desvenda as inquietações da vontade de sentido, pois só ela tem o poder de nomear o inexprimível. Para Rahner essa inquietação é o efeito da presença do Espírito e se pode chamar em sentido estrito que a “palavra da Escritura” contém a palavra poética”, de modo que “a capacidade e o exercício de perceber a palavra poética é um pressuposto para, ouvir a Palavra de Deus” (Rahner, 1962, p. 441-448; Villas Boas, 2016, p. 21).

Esta inquietação, assim como este espírito de indignação, que não cabe no pequeno espaço reservado à resignação, é uma teologia que se faz poesia em cada texto de Paulo Freire. Senão, como entender o que diz sobre nosso mestre da amorosidade o teólogo dominicano Frei Carlos Josaphat? “Em suas atividades pioneiras no Colégio Osvaldo Cruz e no Sesi, em Recife, nos anos 50, já despontava o filósofo da libertação que a teologia andava procurando” (Freire, 1999, p. 72). Além de conceitos bem elaborados, Paulo Freire propõe um novo paradigma educacional e desvela o itinerário crescente de conteúdo humanístico e revolucionário. Seu conteúdo é altamente profético e jamais se permite ser conteudista, e seu método, além de poético, é pedagogicamente revolucionário.

Seguindo-se sua reflexão e apontando-se a radicalidade intrínseca ao pensamento de Freire sobre a educação, afirma ainda o Frei dominicano, “Pode-se dizer que vai da liberdade à libertação, pois no princípio seu processo se insere no sistema dominante, utiliza e amplia os espaços de liberdade que encontra” (Freire, 1999, p. 78). Educar é libertar, é transformar, é dialogar, e tudo isso faz da Educação um ato de amor para Paulo Freire.

Aqui, torna-se oportuno, se não necessário, falar da dimensão cômica como uma constante na vida e na obra de Paulo Freire. Talvez porque ele fala de tantas obviedades que a gente não resiste ao riso espontâneo, como que dizendo: Como ninguém disse isto antes? O cômico aqui é entendido como o entende Peter L. Berger em sua belíssima obra *O riso redentor* – a dimensão cômica da experiência humana: “A experiência do cômico é uma experiência humana universal” (Berger, 2017, p. 137). Pode-se afirmar que a Educação como Prática da Liberdade, para Paulo Freire, é como o cômico para Berger, “Invade e subverte as estruturas naturalizadas da vida social” (Berger, 2017, p. 170).

Assim como Berger (2017) assevera que “O humor gentil é a expressão mais comum do cômico na vida cotidiana” (p. 180), pode-se igualmente afirmar que, para Paulo Freire, a Educação para a Liberdade é a expressão genuína da Humanização. É missão de todos e de todas nós continuarmos atualizando o paradigma freiriano de educação que, nas palavras do filósofo Ernani Maria Fiori, no prefácio da *Pedagogia do Oprimido*, coloca: “Não pensa ideias, pensa a existência”. E uma pedagogia assim, tão teológica e poeticamente feita, faz pensar.

A partir de 1960 Paulo Freire desperta as inteligências amorosas do mundo com sua inventividade. É inventivamente que ele propõe resgatar a dignidade da pessoa humana e desvela a gentidade das palavras. É inventando, inovando e sempre transgredindo que alguns verbos se transformam em instrumentos de libertação dos deserdados da terra e, ao mesmo tempo, são vistos como ameaças pelas lideranças reacionárias. Vejamos alguns destes verbos apenas a título de exemplo: educar; conscientizar; criar; inovar; mudar; transformar; transgredir; revolucionar; humanizar; dialogar; problematizar; perguntar, e tantos outros que, ao serem pronunciados, faziam doer os ouvidos fardados e antidialógicos.

É significativo que pouco antes do golpe militar de 1964 o educador e filósofo suíço, Pierre Furter, tenha vindo ao Brasil especialmente para estudar o método Paulo Freire de alfabetização. E foi inventando, inovando e criando, mas, sobretudo, acreditando nas pessoas, que Paulo Freire se fez sonhador. Para ele, as outras pessoas são pessoas, são “tus”, não coisas, não são “istos”. Como mestre, Paulo Freire se faz aprendiz da filosofia de Martin Buber e sua dialética relação EU-TU. “O homem se torna Eu na relação com Tu” (Buber, 2012, p. 68). E foi esperando os sonhos que ele mesmo se fez andarilho das relações, da esperança, do sonho e da utopia. Jamais simplesmente esperando, mas esperando e marchando em busca de novas utopias. Assim recorda o Frei Carlos Josaphat: “Aliás, ele partiu deixando-nos a pedagogia da autonomia, após a pedagogia da esperança, acenando-nos com a promessa de uma ‘pedagogia do amor’” (Freire, 1999, p. 79).

A TEOPEDAGOGIA DO PÃO, DA PALAVRA E DO PROJETO

A Teologia do Êxodo, a Teologia da Libertação do Povo Hebreu – que também é uma pedagogia –, cujo acontecimento é liderado por Moisés, parece-nos apresentar um itinerário que deve ser seguido por outros processos revolucionários que se apresentam libertadores. O que identifica Javé, o Deus do Êxodo, é a sua função de libertador. Revela-se em sua presença junto ao povo um conjunto de ações encorajadoras e trans-

formadoras. Trata-se do itinerário do Pão, da Palavra e do Projeto – PPP – cuja ordem, além de apresentar grande coerência, parece-nos justificável e exige-nos sempre nova interpretação.

Primeiro precisa-se garantir o Pão, a comida, o alimento do corpo; segundo precisa-se garantir a Palavra a todos e a todas; terceiro, aí sim, alimentados e cada um e cada uma dizendo a sua palavra, pode-se pensar e construir um projeto comum de libertação. Há que se ressaltar a intrínseca relação de simultaneidade nas ações deste itinerário. Nenhuma delas é isolada ou acontece sozinha. O próprio Paulo Freire constatou, por meio de sua sensibilidade, o quanto a fome compromete o aprendizado, observando as crianças e os adolescentes das periferias da cidade de São Paulo.

Moisés tinha consciência dos riscos que teria pela frente. O risco, aliás, é uma constante em qualquer processo de libertação e na vida. No diálogo com missionários indígenas do Mato Grosso, durante a 8ª Assembleia do Conselho Indigenista Missionário – CIMI – em Cuiabá, no ano de 1982, Paulo Freire fez a seguinte afirmação: “Agora, em todo trabalho de educação, político, portanto em todo trabalho de libertação e em todo trabalho humano, existe risco. Agora, ou você corre os riscos ou você se suicida” (Freire, 2005, p. 45). Observa-se que o entendimento de Moisés, trazido até nós pelos redatores do Pentateuco, sobretudo do Livro do Êxodo, encontra sintonia com a pedagogia do oprimido de Paulo Freire, ou vice-versa. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 2006a, p. 151). Na pedagogia de Moisés Deus liberta o povo organizado. Na pedagogia de Paulo Freire a Educação liberta o povo em comunhão.

A educação como prática da liberdade, por exemplo, já nos apresenta uma visão de abrangência conceitual e de discernimento de Paulo Freire com relação ao papel da educação.

Por isso mesmo que, existir, é um conceito dinâmico. Implica numa dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com o mundo. Do homem com seu Criador. É essa dialogação do homem sobre o mundo e com o mundo mesmo, sobre os desafios e problemas que o faz histórico (Freire, 2007, p. 68).

Para o professor Paulo Freire a educação não é algo opcional, que talvez se precise fazer ou que se possa praticar ou não. Antes, a educação é uma exigência existencial, pois existir é mais que simplesmente viver biologicamente. Para a pedagogia do oprimido eis o que nos distingue dos outros animais: “(...) os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica” (Freire, 2006a, p. 104). Ora, nós somos seres humanos racionais, não somos apenas animais. A analogia remete-nos ao enredo do escritor bíblico (Mateus 6,26-27), quando nos é lembrado que, embora sejamos passíveis de comparações com os animais, somos diferentes deles. Somos igualmente chamados por Paulo Freire a buscarmos o sentido da vida e a ocuparmos o nosso lugar na vida.

A Educação como um ato de amor, porque um ato de conscientização e de libertação, não pode ocorrer no nível da repetição, da transferência de conhecimentos ou do depósito de conteúdo. “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e

com os outros. Busca esperançosa também” (Freire, 2006a, p. 67). Pode-se concluir, a partir desta afirmação, que Paulo Freire tem muito a contribuir com este mundo que gosta tanto de copiar e repetir.

A manifestação Teopoética na Ação Cultural para a Liberdade de Paulo Freire, expressada na linguagem e na intencionalidade, revela-nos a dimensão criadora e remete-nos à Espiritualidade do Livro do Gênesis, quando a Palavra, além de ganhar gentidade, é o próprio Deus. A Palavra que age é Deus agindo e Deus agindo é a Palavra se expressando. Aqui podemos destacar o educador, o artesão, o agricultor, o poeta e o místico contemplando o fruto do seu trabalho. Encantado, enamorado e admirado, como o amado que acorda durante a madrugada para olhar para sua amada dormindo, só resta uma palavra: é bonita! Deus, o artesão de todas as coisas, o poeta e pedagogo criador da vida, na perspectiva cristã, disse por sete vezes só no primeiro capítulo do Livro do Gênesis: é bom! Se é bom, é bonito aos olhos de quem ama.

Ad-mirar, mirar desde dentro, cindir para voltar a mirar o todo ad-mirado, que são um ir até o todo e um voltar dele até suas partes, são operações que só se dividem pela necessidade que tem o espírito de abstrair para alcançar o concreto. No fundo, são operações que se implicam mutuamente (Freire, 2007, p. 44).

A Educação é, neste sentido, mas também para além dele, um lugar onde se deve aprender a ad-mirar. Para se aprender a ad-mirar, antes é preciso aprender a escutar, a ver e não apenas olhar; e sentir e não apenas tocar. A dureza do cansaço causado pelo trabalho árduo e pela caminhada dura e longa não pode nos roubar o desejo de contemplar. Assim como o professor que se deixa encantar pelo texto do estudante, o agricultor, que, após um árduo dia de trabalho no sol escaldante, para, antes de ir para casa, e contempla o seu roçado; como o amado que sempre quer olhar mais uma vez para o rosto de sua amada a cada vez que precisam se despedir; como a mãe e o pai que não se cansam de se levantar durante a noite só para aquela olhada protetora para o berço habitado, que não cansa, antes deixa-os dormir melhor. E a criança responde muitas vezes com um respirar mais forte, com um balbuciar sem som. Deus assim o fez a cada final de dia no mito bíblico da Criação.

O distanciar-se de quem a gente ama ou mesmo do que amamos nos causa sofrimentos. O sofrimento é uma constante na vida humana e também na vida de quem ama. A educação, no entanto, como prática da liberdade, nos ensina: não amar causa maiores sofrimentos ainda. Tudo passa e reside no desejo e no direito de ser. “Na verdade, porém, as classes dominadas precisam, ao contrário, transformar o sofrimento de não ser no sofrimento que a luta por ser lhes impõe” (Freire, 2007, p. 151).

A luta diária necessária pela liberdade cansa, causa dores e sofrimentos, mas não lutar e não ter liberdade também causa dores e sofrimentos ainda maiores. Assim, existe uma relação de cumplicidade mútua entre a educação e a sociedade. Hora o ponto de partida é uma, hora é outra. Depende das circunstâncias, mas elas estão sempre interligadas, embora, frequentemente, quem exerce o poder, em certo momento, seja aquele que define os rumos da educação, não raro deixando-a a serviço de seus próprios interesses.

Na verdade, porém, não é a educação que forma a sociedade de uma certa maneira, mas a sociedade que, formando-se de uma certa maneira, constitui a educação de acordo com os valores que a norteiam. Mas, como este não é um processo mecânico, a sociedade que estrutura a educação em função dos interesses de quem tem o poder, passa a ter nela um fator fundamental para a sua preservação (Freire, 2007, p. 173).

A pedagogia de Paulo Freire tem fontes profundas e límpidas, e ele usa o cântaro da dialogicidade e da ousadia para bebê-las e torná-las bebíveis por qualquer viajante sedento de aprender, de diálogo e de humanidade. Uma destas importantes fontes visitada e revisitada com frequência é o filósofo suíço Pierre Furter. “O homem, por ser inacabado, tende à perfeição. A educação é, portanto, um processo contínuo que só acaba com a morte” (Furter, 1987, p. 67).

É de Furter que Paulo Freire bebe da água do inacabamento, conceito que incomodou a educação bancária e seus praticantes. Freire aprendeu com a filosofia de Furter, que, por sua vez, aprendeu com a pedagogia de Freire, e todos e todas nós temos a chance de aprender com ambos. E continua o filósofo, “Assim, a partir da definição do inacabamento do homem como prematuridade, devemos revisar totalmente o conceito de educação (Furter, 1987, p. 74).

Outra importante fonte de água límpida e fria é o filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto. Se Paulo Freire afirma que não existe nem educação e nem o mundo sem o ser humano, “O mestre brasileiro”, como Freire gostava de referir-se a ele, declara, “O homem é por essência um ser inacabado, pois se constitui a si mesmo ao longo de sua existência social. (...) Neste sentido, a sociedade cria o homem para si” (Pinto, 1997, p. 39). Igualmente os cidadãos e as cidadãs devem querer construir uma sociedade para si que atenda às exigências éticas e que, sobretudo, lhes permitam ser felizes. Isto só se faz com educação libertadora. A utopia como algo possível e alcançável que Paulo Freire nos revelou é a mesma utopia concreta de Ernest Bloch e que Pierre Furter a apresenta feita de esperança, de fé e transcendência.

A utopia concreta não indica um passado a que deveríamos voltar ou em que poderíamos desfrutar das delícias passadas; tão pouco promete um paraíso apocalíptico além da ação. A utopia nos devolve ao presente, mas com o ímpeto da esperança, isto é, de um novo possível. A utopia não é mais um jogo intelectual, um sonho, uma obra de arte. É uma ideia força que provoca nosso entusiasmo; excita as nossas aspirações e nos faz voltar para uma ação eficaz, comprometida, audaciosa. Devemos agora nos comportar à altura das promessas indicadas e suscitadas. A utopia concreta, pensada até as suas últimas consequências, conduz forçosamente à uma atitude radical. Reconhece-se que a realização da utopia necessita de uma transformação completa do nosso mundo atual (Furter, 1974, p. 150).

Dir-se-ia que, conforme se lê na citação supra, consiste a atualidade da pedagogia, da teologia, da poesia e do pensamento de Paulo Freire. Um mensageiro do tempo que não é o dono nem do tempo e nem da mensagem. Aí reside o núcleo de sua profecia. Embora comprometido criticamente com o “jogo intelectual”, reconhece e enaltece o saber popular, o senso comum, o saber de experiências feito. Por isso, a exigência existencial da dimensão transformadora de sua pedagogia. Também a necessidade da poesia como linguagem capaz de comunicar com simplicidade os mistérios da vida, mas que utopia é essa?

Sou mensageiro do tempo, já fui pro céu de camelo,
Meu guarda chuva é o cabelo, a luz é minha morada,
Sou de família acampada, nunca tive um endereço,
Sou a revessa e o avesso no verso tergiversado.
Carrego as marcas do lado, de cada amor vivido,
Meu Reino está resumido, nas preferências que fiz,
Do ângulo sou a bissetriz, a corda, o vértice e o arco,
Andei de pé e de barco, não sei o que é ter medo.
Durmo tarde, acordo cedo, quem me conhece me ama,
Não espero morrer na cama, viver pra mim é servir,
Sei caminhar e cair, mas sempre me levantei,
Muitas Marias amei, muitas Marias me amaram,
Muitas pedras me jogaram, já fui incompreendido.
Que a vida tem um sentido, foi minha maior lição,
Viver com intensa paixão, morrer pra nascer de novo,
Andar no meio do povo, aprendendo e ensinando,
Ouvindo muito e falando, somente o necessário,
Poeta e visionário, militante e lutador,
Como todo educador, que é também educando,
Continuo acreditando, na relação dialógica,
Na força ideológica da educação popular
(Santiago, 2005, p. 91).

A TEOPEDAGOGIA DA BONITEZA DA ANDARILHAGEM E DA ESPERANÇA

A grandeza da pedagogia de Paulo Freire é digna de memória e deve ser celebrada em todas as linguagens, mas encontra acolhida familiar na teologia. É o que fazem os professores Balduino Antonio Andreola e Mário Bueno Ribeiro em seu livro *Andarilho da Esperança* (2005). São eles quem, de forma brilhante, nos trazem Paulo Freire como o Andarilho da Esperança e nos revelam uma importante aproximação entre a pedagogia e a teologia. No prefácio à esta obra o professor Danilo Streck afirma:

O Conselho Mundial de Igrejas foi um espaço privilegiado para a articulação da teologia e da pedagogia como duas narrativas complementares para a formação humana. Em Freire, um advogado de formação, o educador e teólogo se encontram na práxis como consultor deste organismo ecumênico. Teologia e pedagogia são duas linguagens que expressam a vivência e as esperanças de um povo crente que aprende ou, se quisermos, de aprendizes que creem (Andreola; Ribeiro, 2005, p. 9-10).

É absolutamente significativo ter-se o conceito de um Ecumenismo Cristão trazido pelo professor Danilo Streck. Em certa medida, vê-se a aproximação entre o ecumenismo e a educação dialógica e libertadora. Este é um importante ponto de encontro entre a teologia e a pedagogia. A pedagogia de Paulo Freire encontrou asilo político e acolhida no Cristianismo Ecumênico, representado pelo Conselho Mundial de Igrejas. Tem peso de testemunho, uma categoria superior para a Fé Cristã, celebrar o centenário deste Andarilho do Diálogo e da Esperança que, embora perseguido, não abandonou o seu

caminho; mesmo perseguido e preso, manteve-se livre e coerente com os princípios que dão sustentação à sua vasta e rica obra: a humanização, a liberdade, a esperança, o diálogo, a ética, a autonomia, a indignação, como valores pedagógicos e proféticos.

Entre outros tantos valores e tantas bonitezas que exigem de nós mais que simplesmente olharmos, exigem de nós a capacidade de ver, pode-se afirmar, mas sobretudo pode-se facilmente constatar, que existe uma teologia que se expressa poeticamente e com altivez contida na pedagogia de Paulo Freire. A crítica freiriana aos fatalismos vem por meio de que pretende mais que explicar ou justificar tudo: a opressão, a violência e até a morte injusta, tem também as suas raízes profundas. “A única coisa que pode vir a ser fatal ao homem, é crer na fatalidade, pois esta crença impede o movimento da conversão” (Buber, 2012, p. 87).

Segue-se, portanto, trazendo uma lição atualizada do pensamento freiriano: “Quase sempre este fatalismo está referido ao poder do destino, ou da sina ou do fado – potências irremovíveis – ou a uma visão distorcida visão de Deus” (Freire, 2006, p. 55). Celebrar os cem anos do nascimento de Paulo Freire significa celebrar a sua obra atualizando-a neste tempo de fatos e naturalizados fatalismos. A fome, embora sobrem alimentos; a morte, de doenças conhecidas e curáveis, embora existam vacinas; a violência, embora ela aconteça dentro de casa e assim por diante. Nos próximos cem anos há que se falar muito sobre Paulo Freire e sua amorosidade.

É importante que se faça, sim, memória da vida e da obra deste grande humanista cristão chamado Paulo Freire, porque, dessa forma, traz-se para as gerações que não o conheceram a radicalidade de suas opções e de sua consciência de classe. Como assevera Mário Bueno Ribeiro, “A radicalização de Freire foi demonstrada sempre em suas opções” (Andreola; Ribeiro, 2005, p. 11). Eis aí um lugar de aproximação da pedagogia com a teologia por intermédio da profecia. Pode-se, portanto, afirmar que as opções político-pedagógicas do professor Paulo Freire são de dimensões proféticas. Isto significa, entre outras conclusões possíveis, estarem além das conveniências e dos interesses próprios.

A vida nas suas diversas formas é o seu grau máximo na escala de valores. A vida humana, como ele mesmo revela em sua *Pedagogia do oprimido*, é uma constante prática de diálogo e de amor com o mundo. “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível diálogo” (Freire, 2006, p. 92). Falar de amor, no entanto, ainda não significa amar. Diante da diversidade de sonhos e da grandeza dos mistérios da vida, sobretudo quando nos permitimos um mergulho mais profundo na reflexão sobre os fenômenos que se querem revelar, torna-se possível compreender a extensão da obra de Paulo Freire. Compreende-se, desse modo, as razões pelas quais sua obra não cabe na pedagogia ou apenas em uma área do conhecimento. Suzana Albornoz (2006), em seu ensaio sobre Ernest Bloch, permite-nos confirmar estes fatos.

Para que sua reflexão não se perca num vazio metafísico, Ernest Bloch constrói sua monumental obra sobre os sonhos humanos, *O princípio esperança*, partindo de seu chão histórico. A enciclopédia das utopias se apresenta como uma história dos sonhos humanos, embora transcenda enquanto lhe acrescenta a interpretação filosófica, de modo que parece adequado falar-se de uma fenomenologia dos sonhos coletivos da humanidade, registrados na história das artes, das religiões e da filosofia, além dos movimentos social e político (p. 139).

Assim é a monumental enciclopédia de Paulo Freire. Parte de seu chão pernambucano, nordestino, brasileiro e latino-americano; desperta e revela sonhos e o desejo de sonhar; ilumina em nós a casa da esperança; e fortalece as utopias possíveis. Enfrenta os conflitos com o diálogo e o faz com incrível ousadia. Incomoda as forças reacionárias e desacomoda as forças vivas anestesiadas pelos fatalismos, pelos determinismos e pelo poder autoritário.

São muitas as fontes das quais o nosso Andarilho da Esperança bebeu, mas também são muitos os que beberam dele como uma fonte de água límpida e nutritiva.

Segundo Gadotti, Paulo Freire se considerava um discípulo (dos ideais) de Anísio Teixeira ao concordar com as ideias de Dewey no que dizia respeito à sua defesa do “aprender a aprender”, ao “aprender fazendo”, à “liberdade criativa e autônoma do educando” (Andreola; Ribeiro, 2005, p. 24).

Relembrando-se da radicalidade de suas opções, já mencionada anteriormente, encontramos a ousadia de dar voz aos sem voz; de trazer para o centro as narrativas escondidas pelos sistemas dominantes; dar voz às palavras, às pessoas e às culturas silenciadas. Conforme segue Balduino Andreola,

Paulo Freire se doou inteiramente, como educador, nos trabalhos desenvolvidos na África. Mas, por outro lado, foi muito o que ele aprendeu. Trata-se de uma aprendizagem tão rica, que mereceu um título-manchete, no livro dialogado entre Sérgio Guimarães e Paulo Freire: *A África ensinando a gente: Angola, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe*. Aliás, o título escolhido por Sérgio Guimarães pode significar também um convite mais amplo. O Ocidente branco, pseudocristão, fascinado pelas conquistas da ciência e da tecnologia, e se autodestruindo, ao mesmo tempo, com a perversão de todas as suas conquistas, precisaria voltar-se para os valores de outras culturas, de outras civilizações, para redescobrir dimensões perdidas de humanidade e de fé (Andreola; Ribeiro, 2005, p. 69).

O professor Paulo Freire deixou-nos inúmeros aprendizados e incríveis lições, representadas na fala do professor Balduino, que têm, sim, peso testemunhal. Afinal, entre um convite para ser professor em Harvard, “a toca do bicho”, e a possibilidade de atingir, com seu trabalho, a África e a América Latina, fazer a segunda opção já revela muito sobre o seu critério de escolha.

Paulo Freire poderia ter permanecido nos Estados Unidos e trabalhado em excelentes universidades e centros de pesquisa, ganhando muito dinheiro no “coração do capitalismo” ou na “toca do bicho”, como ele costumava dizer (Andreola; Ribeiro, 2005, p. 11).

Como nós sabemos, no entanto, ele preferiu ir para a Suíça como assessor do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), mantendo pulsante o coração de sua pedagogia: a coerência; ou, como ele mesmo apresenta: a consciência mais a ação – a conscientização.

A conscientização é mais que uma simples tomada de consciência. Supõe-se, por sua vez, o superar a falsa consciência, quer dizer, o estado de consciência semi-intransitivo ou transitivo-ingênuo, e uma melhor inserção da pessoa conscientizada numa realidade desmitificada. (...) Não pode haver conscientização sem denúncia das estruturas injustas, o que não se pode esperar da direita. Também não pode haver conscientização popular para a dominação (Freire, 2006b, p. 104).

Paulo Freire se fez palavra, mas, antes, ele fez a palavra ser gente, ou, melhor dizendo-se, para ser mais coerente com a sua pedagogia dialeticamente amorosa, ele desvelou a gentidade da palavra. A relação entre a pessoa humana e a palavra caracteriza muito bem o conceito de relação EU-TU em sintonia com a filosofia de Martin Buber. Assim, na esteira da filosofia de Buber, Freire eleva o conceito de relação pessoa-palavra ao nível espiritual, transcendente; afinal, “A pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas” (Buber, 2012, p. 90). Esta relação pressupõe o diálogo, a esperança, a admiração e o encantamento. Sem o ser humano o mundo sequer existiria, pois faltaria quem o pronunciasse (Freire, 2006, p. 81). Destaque-se, ainda, o fato grandioso de Freire aprender estas coisas com um simples camponês, cuja voz ele faz ecoar.

Se na Teologia da Criação é a Palavra quem cria e, por meio do sopro, dá vida e sentido a tudo, inclusive à vida, aqui também é a palavra quem liga e religa o ser humano ao mundo e ao Ser transcendente. Ser humano e palavra humana também precisam do mundo; se conhecem e se reconhecem numa relação de reciprocidade, mediada pela palavra. “Mas, como não há homem sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo” (Freire, 2006, p. 85). É nesta relação dialética e dialógica, cuja simbiose é uma exigência existencial e a poesia se faz linguagem superior, que a Teologia e a Pedagogia se encontram, se reconhecem e se completam em Paulo Freire.

Celebrar os cem anos do nascimento do professor Paulo Freire, além de uma homenagem e de um reconhecimento àquele que amou a vida e expressou esse amor com palavras, é igualmente uma exigência existencial. Esse nosso tempo, de relações voláteis, de palavras esvaziadas em sua alma e de relações predominantemente virtuais, exige-nos muitas coisas, mas, sobretudo, ele nos exige coragem de testemunhar.

A coerência entre o que dizem as nossas palavras e o que revelam as nossas atitudes, além de um princípio fundamental da ética freiriana, é também o que nos dá identidade. É o que revela a nossa práxis. “Não se pode chegar à conscientização crítica apenas pelo esforço intelectual, mas também pela práxis: pela autêntica união da ação e da reflexão. Não se pode impedir aos homens uma tal ação reflexiva” (Freire, 2006b, p. 106). Exilar-se nas paredes sem janelas das normas acadêmicas asfixia-nos a inteligência e nos confina em nosso mundo particular, impedindo-nos de aprender com outras inteligências, como a de um camponês ou de uma bordadeira.

A teologia, sobretudo a partir do conceito de Teologia Pública, expressa muito da indignação e da conscientização crítica e esperançosamente humana deixada por Paulo Freire. O que temos é uma oportunidade de celebrarmos, e não apenas por um momento, mas permanentemente, o centenário do Andarilho do Diálogo e da Esperança chamado Paulo Freire, e devemos ousar e avançar para águas mais profundas. É o que fazem, a partir de uma proposta de Teologia Pública, inspirada em David Tracy, os teólogos Jefferson Zeferino e Márcio Luís Fernandes. Estes dois teólogos buscam, em certa medida, partindo da busca do sentido do sofrimento e do conceito de clássico em Paul Ricoeur, desvelar o mundo do texto, o que exige reservar à palavra o lugar que Paulo Freire lhe deu: o lugar de gentidade.

Nesse sentido, nos parece pertinente trazer à tona a perspectiva de que o mundo do texto pode ser relacionado à ideia de clássico. O conceito de mundo do texto, como mundo de significação diante do qual o humano compreende a si mesmo na compreensão do texto, fala de uma comunicação da humanidade do humano presente na representação literária que está prenhe de um sentido profundo permeado por um movimento de imaginação, distanciação e apropriação (Zeferino; Fernandes, 2020, p. 7).

Esse estado de prenhez de que falam os autores citados, bem como a ideia de uma imaginação que se movimenta, revela a riqueza de linguagem e a ousadia intelectual que não se permite ser enjaulada em conveniências e convenções. Isso, mesmo antes de ser dito pelos autores, é trazer toda a radicalidade serena de Paulo Freire. Isso é contribuir para a construção do conhecimento numa perspectiva coletiva, plural e mantendo a relação entre teoria e prática. A boniteza do clássico como um mistério que, numa perspectiva fenomenológica, simplesmente se revela. Ao estilo Paulo Freire tem-se a simplicidade das palavras e a profundidade conceitual comunicando e produzindo um novo pensamento. Será que não chegou a hora do parto, consequência do estado de prenhez de liberdade, de autonomia e de esperança, deixado por Paulo Freire?

A inventividade freiriana, como parente de primeiro grau da sabedoria, encontra-se com a Literatura Sapiencial. Embora encontre resistências nas ondas de um mundo virtual, digital e que, além de privilegiar o individualismo, se esqueça das individualidades, também está se esquecendo de perguntar por quê? A teologia precisa reconhecer as ciências não apenas para que seja reconhecida por elas e pela sociedade, mas para alcançar ou se aproximar o máximo que for possível de seus objetivos. A saber: conhecer o máximo que se pode de Deus e tornar acessível a todos e todas esse conhecimento, mesmo que seja sobre a nossa incapacidade de conhecê-lo plenamente.

Daí vem a necessidade de se perguntar a todo momento: Qual é a sua pedagogia para pensar o lugar e a condição do ser humano no mundo? Uma teologia sem essa pedagogia da esperança, da indignação, da pergunta e que aponte para a libertação dos oprimidos e das oprimidas da terra, fica desfigurada na sua essência. Pode-se afirmar e deve-se ter coragem para fazê-lo, que Paulo Freire, em sua pedagogia humanista, jamais se distanciou de uma teologia libertadora. A educação pública de qualidade encontra força numa Teologia Pública. Senão, vejamos:

Assim, propõe-se uma teologia pública profética e sapiencial. Profética, porque analisa criticamente a realidade social, denunciando as injustiças e anunciando uma esperança de transformação e libertação. Sapiencial, pois busca na força de sentido das representações do humano subsídios para se pensar a condição humana na atualidade (Zeferino; Fernandes, 2020, p. 470-497).

Trata-se de manter-se sempre a caminho, ouvindo os gemidos e os ais de quem sofre e não consegue nem mesmo identificar quem lhe faz sofrer. Aí, assim, o viver se resume à sina ao sobreviver ao aguentar, e isso nos leva à resignação, ao determinismo e ao conformismo. Trata-se, igualmente, de aprender a ver as bonitezas da vida e, mesmo que não se possa evitar ou eliminar o sofrimento, saber encontrar o seu sentido. “Saber chorar com os outros: isto é santidade” (Francisco, 2018). A pedagogia freiriana, entre tantos predicados e tantas contribuições, deixou-nos como imperativo ético a solidariedade com os que sofrem.

CELEBRAR, FAZER HOMENAGENS E MEMÓRIA É MANTER PAULO FREIRE VIVO POR MEIO DE SUA OBRA

Todos os esforços e todas as tentativas e iniciativas de homenagear o centenário de nascimento de Paulo Freire serão justificáveis, bem-vindos e insuficientes. Paulo Freire é uma realidade única de genialidade, amorosidade, coragem e ternura, feitas de uma relação tão íntima entre teoria e prática que sua história é, ela mesma, o sinônimo de práxis. Em diversas partes do mundo e por iniciativa das mais diversas áreas do conhecimento, podemos encontrar homenagens em forma de poesias, de textos, de artes e de eventos: estes são eventos acadêmicos, sociais, religiosos e políticos; alguns ainda em vida, outros após a sua partida física deste mundo.

Destaca-se, aqui, de modo especial, a iniciativa grandiosa do professor Danilo Romeu Streck, um dos intelectuais e especialistas em educação, sobretudo na perspectiva popular freiriana, que, juntamente com Euclides Redin e Jaime José Zitkoski, organizou uma extraordinária obra chamada Dicionário Paulo Freire. São dezenas de professores, intelectuais, lideranças artísticas, religiosas e políticas que, cada um, cada uma, a partir de uma expressão ou Palavra Geradora, dissertou sobre o assunto.

Sobre BONITEZA, leciona Euclides Redin: “Esta dimensão, boniteza, faz parte para Paulo Freire, da concepção da vida, bem como amorosidade, bem querer, amizade, solidariedade, utopia, alegria, esperança, ética e gentidade. A vida há que ser bonita, não só a vida do indivíduo, mas a realização de um povo” (Streck; Redin; Zitkoski, 2010, p. 60). Dizer a sua própria palavra exige pensar com a própria cabeça, e a contradição faz parte do ser que pensa.

Falamos de educação
Mas o que é educar?
Tem educação bancária
E educação popular
Uma ensina a obedecer
A outra eu quero aprender
Porque ensina a pensar.

Quem é educado educa
Quem educa é educado
Ouvi na casa amarela
E transmito esse recado
A vítima hospeda o algoz
Quantas vezes todos nós
Nos vemos do outro lado?
(Santiago, 2005, p. 67).

Paulo Freire, o Andarilho do Diálogo e da Esperança, representa e atualiza com vantagem a imagem e também a mensagem de Jesus de Nazaré no Evangelho de Lucas, mas que está nos três Evangelhos Sinóticos do Semeador que saiu a semear a Boa Semente (Lc 8,4-8) (Bíblia, 1994). Em uma memorável entrevista concedida à TV PUC-SP, poucos dias antes de sua páscoa, Paulo Freire chama freirianamente Jesus de Nazaré de “Camarada Cristo”. Retomando as bonitezas que Euclides Redin relata, vejamos o que ele nos traz sobre a escola.

Escola é...

o lugar onde se faz amigos,
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.

O diretor é gente,
o coordenador é gente,
cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor
na medida que cada um
se compromete como colega, amigo, irmão.

Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.

Nada de conviver com pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém,
nada de ser tijolo que forma parede,
indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se “amarrar nela”!

Ora, é lógico...

numa escola assim vai ser fácil

Estudar, trabalhar, crescer,

Fazer amigos, educar-se,

ser feliz

(Streck; Redin; Zitkoski, 2010, p. 62-63).

A dimensão de clássico na narrativa e nos conceitos freirianos revela-se exatamente quando se busca olhar para as outras dimensões da vida a partir da utopia

de uma escola feita de bonitezas, como a que se ver anteriormente. Pode-se imaginar uma Família assim; uma Igreja assim; uma Universidade assim; uma Sociedade assim... e por que não, a vida vivida assim? É a utopia possível que Paulo Freire nos deixou. Não convence o inimigo que semeia a semente ruim, mas os argumentos têm o poder de convencimento e de conversão. A teologia também tem as suas utopias e as deve expressar servindo-se, a exemplo da pedagogia de Paulo Freire, de todas as linguagens e de todos os gêneros literários possíveis.

A teologia e a pedagogia encontram-se e se completam neste sentido e precisam muito reconhecerem-se mutuamente, e o diálogo entre os saberes e as ciências, além de uma necessidade, é um instrumento de inclusão e de libertação. Por tratar das coisas que transcendem a dimensão da racionalidade, a teologia, e também a filosofia, a sociologia, a história e a geografia, entre outras, estão não apenas presentes e fazem parte do pensamento de Paulo Freire; a cultura, a arte, a poesia, a literatura fazem parte do ser humano. Por isso, apenas estão, cada uma a partir de seu lugar, olhando de sua própria janela, dando a necessária e específica contribuição. Atenção, porém: nenhuma delas pode isolar-se e querer ver tudo de seu ponto de vista.

A teologia tem muitos jeitos de expressar a fé, ou seja, o discurso em relação à nossa fé. Pode ser através da poesia, da música, de uma pintura, da dança, de uma canção popular, de uma comida preparada em conjunto e partilhada. Pode ser através de uma passeata, de uma ciranda, de uma manifestação (Santiago, 2020, p. 90).

Paulo Freire deixou-nos um pensamento e, mais que isso, um desejo de pensar. Ele deixou expressado em sua obra e vida o direito de pensar. A partir de nós e de nossa capacidade de ousar, Paulo Freire poderá estar mais vivo do que quando vivia, pois ao esperar a vida ele também se fez ideia. E ideias não morrem. Quando são matadas ressuscitam em tempo favorável. Na perspectiva esperançosa de sua pedagogia e de sua vida, Paulo Freire convida a desmitologizar as narrativas deterministas que dizem que o futuro repetirá inexoravelmente o passado e que as coisas são e serão assim porque sempre foram assim. Igualmente ele desconstrói e convida-nos a também desconstruirmos as falácias que dizem sobre os fatalismos. Ah, a miséria, a exclusão, as diversas formas de violências que oprimem, sobretudo os mais indefesos, mostram a vontade de Deus. De que Deus? Devemos perguntar freirianamente.

Desta forma, estamos subdivididos em dois grupos: o primeiro composto por conformistas que aceitam até o inaceitável. O segundo composto por quem não acredita que nenhuma realidade é assim, mas que qualquer realidade está aí para ser mudada. Dessa forma, “A tendência então, dos primeiros, é vislumbrar no inédito viável, ainda como inédito viável, uma ‘situação limite’ ameaçadora porque por isto mesmo, precisa não concretizar-se. Daí que atuem no sentido de manter-se a ‘situação limite’ que lhes é favorável” (Freire, 2006, p. 109).

A esperança esperada por e com ousadia revolucionária consiste em acreditar-se que sempre existirá um inédito viável e que nós seremos os parteiros e as parteiras que farão o parto, uma cesariana, em que, ao final, celebraremos juntos e juntas, dizendo: nós fizemos isto. A enciclopédia freiriana é extensa e diversificada. Apenas a título de exemplo e de memória, pode-se, por meio dos títulos, fazer-se um registro de parte deste acervo.

Os cinco livros dos primeiros tempos

Livro – Título	Ano	Editora – Estado
Educação como Prática da Liberdade	1967	Paz e Terra – RJ
Pedagogia do Oprimido	1974	Paz e Terra – RJ
Extensão ou Comunicação?	1971	Paz e Terra – RJ
Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos	1976	Paz e Terra – RJ
Educação e Mudança	1981	Paz e Terra – RJ

Entre os livros mais especializados estão

Livro – Título	Ano	Editora - Estado
Cartas à Guiné Bissau – Registros de uma experiência em processo	1977	Paz e Terra – RJ
A importância do ato de ler – em três artigos que se completam	1982	Cortez/Autores Associados

Entre os livros da pura maturidade

Livros – Título	Ano	Editora – Estado
Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido	1992	Paz e Terra - RJ
A educação na cidade	1991	Cortez
Política e educação	1993	Cortez
Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar	1993	Olho d'água
À sombra desta mangueira	1995	Olho d'Água
Cartas à Cristina – reflexões sobre minha vida e minha práxis	1994	Paz e Terra – RJ
Pedagogia da autonomia	1996	Paz e Terra – RJ
Pedagogia da indignação	2000	Unesp
Pedagogia dos sonhos possíveis	2001	Unesp
Pedagogia da tolerância	2005	Unesp

É tempo de querer. É tempo de amar. É tempo de sonhar. “Quero uma rede de escolas, de oficinas, de sonhos. Quero que os homens se rendam aos métodos das crianças. Quero uma rede de tranças, de diferentes, de novos, onde as escolas aprendam com quem chegou para aprender” (Santiago, 2007, p. 45). Paulo Freire vive e a sua vida é dom, é sonho, é querer, é utopia. É anúncio de liberdade e esperança. A sua maturidade nos trouxe esse ensinamento primordial, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 2004, p. 31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscou-se fazer uma homenagem ao educador brasileiro, nordestino nascido em Recife, cuja obra e história não apenas se confundem, mas se completam. Fazer memória da vida e obra do professor Paulo Freire é uma oportunidade de visitar os seus escritos e sempre aprender algo novo. Reaprender, ou, como ele mesmo dizia, aprender a aprender. A abrangência de seus conhecimentos extrapola qualquer uma das áreas específicas que os compõem. Ao falar sobre seus analistas, durante um diálogo com universitários uruguaios em 24 de junho de 1989, declarou Paulo Freire: “(...) alguns analistas da minha obra – sobretudo os europeus – ficam

um tanto confusos, mostram uma preocupação enorme em saber o que sou: se um psicólogo, um antropólogo, um sociólogo, um filósofo... O que eu sou? (Freire, 2005, p. 135). É esta a pergunta que deve inspirar os estudos sobre Paulo Freire, sabendo-se que ele se apresenta como um campo vasto e rico. Acrescente-se à lista de especialidades, a partir das ideias que perpassam este artigo: um poeta, um profeta, um pedagogo, um historiador, por fim, um mestre e um sábio que, por definição, não cabe em definições. Que este artigo seja tão prazeroso e enriquecedor para quem o ler quanto foi para quem o escreveu.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. *Ética e utopia* – ensaio sobre Ernest Bloch. Porto Alegre, RS: Editora Movimento, 2006.
- ANDREOLA, Balduino A.; RIBEIRO, Mário Bueno. *Andarilho da esperança*. São Paulo, SP: Aste, 2005.
- BERGER, Peter L. *O riso redentor* – a dimensão cômica da experiência humana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BÍBLIA. *Tradução ecumênica da Bíblia* – TEB. São Paulo: Loyola, 1994.
- BUBER Marin. *Eu e tu*. Introdução e tradução Aquiles Von Zuben Newton. São Paulo: Centauro, 2012.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica do Papa Francisco*. Gaudete et Exultate (GE) - (Alegrai-vos e Exultai) – Sobre o Chamado à Santidade no Mundo Atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). *Pedagogia da tolerância*. Organização e notas Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Unesp, 2005.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 44. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006a.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização* – teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2006b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Brasília, DF: Paz e Terra, 2004. (Licenciado gratuitamente para Anca/MST).
- FURTER, Pierre. *Educação e reflexão*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1974.
- GLEISER, Marcelo. *Criação imperfeita* – cosmo, vida e o código oculto da natureza. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- IPF. Instituto Paulo Freire. *Paulo Freire* – educar para transformar. Projeto Memória 2005. Lei de Incentivo à Cultura. Brasília, DF: MEC, 2005.
- PINTO, Álvaro Vieira. *As sete lições sobre educação de adultos*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- SANTIAGO, João Ferreira. *Teologia pastoral* – a arte do seguimento e do discipulado de leigos e leigas. São José dos Pinhais, PR: NVC – Talher Gráfica e Editora, 2020.
- SANTIAGO João Ferreira. *Vida e poesia*. Curitiba, PR: Editora Gráfica Popular, 2007.
- SANTIAGO, João Ferreira. *Militância e poesia*. Curitiba, PR: Editora Gráfica Popular, 2005.
- STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2010.
- VILLAS BOAS, A. Recuperar a lógica poética da revelação: uma contribuição do diálogo entre Teologia e Literatura. *Interações*, v. 9, n. 15, p. 61-86, 2016.
- ZEFERINO, J.; FERNANDES, M. O sofrimento dá o que pensar: teologia pública em diálogo com a literatura marginal. *Teoliterária*, v. 10, n. 21, p. 470-497, 2020.

Autor correspondente

João Ferreira Santiago

Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR

Programa de Pós-Graduação em Teologia

Rua Imaculada Conceição nº 1155 – Prado Velho – Curitiba/PR., Brasil. CEP 80.215-901

poesiaemilitancia@yahoo.com.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

